

Editorial

Adalberto A. Goulart¹

Em fevereiro de 2020 fomos surpreendidos pela pandemia do novo coronavírus e da COVID-19. Surpresa de certa forma previsível, visto a interferência dos interesses humanos no equilíbrio da natureza do planeta. De lá para cá vivemos sob uma avalanche mundial de contaminados e mortos, de sofrimento, de luto e saudade. E de dor. Mas também de esperança. Aprendemos a nos proteger e a aprender, com humildade. Com criatividade estamos podendo nos reinventar, nos transformar e, quem sabe, nos tornar um pouco melhores, justificando a evolução.

A vida prossegue e nós prosseguimos, buscando possibilidades, estudando, trabalhando. E assim, temos o prazer de apresentar aos leitores da REVISTA MULTIVERSO, a sua terceira edição, o seu terceiro número anual, fruto do trabalho de sua Equipe Editorial, do seu Conselho Consultivo, da sua Rede de Pareceristas e dos autores que nos prestigiam com as suas produções científicas. O nosso agradecimento a todos, pela colaboração e pela confiança.

Nesta edição, Irma Brenman Pick (Londres), em importante contribuição para o estudo do trauma e seus efeitos, relembra Freud quando nos diz que o trauma coloca fora de ação o Princípio do Prazer e nos traz a sua experiência, quando observa que, entre as defesas para se evitar a dor, há o prazer em projetar triunfantemente o sofrimento e a culpa dentro do outro.

Ana Maria Stucchi Vannucchi (São Paulo) nos fala sobre assombrações e assombros que, transformados pelo trabalho mental do analista, poderão abrir em novos vértices, ampliando o espaço do conhecer e do ser. Paolo Bucci e colaboradores do IPFR AB Ferrari (Roma), investigam sobre como é ser um analista, ressaltando também as transformações a

1. Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife, Presidente do NPA, membro fundador do IPFR AB Ferrari-Brasil, Editor da Revista Multiverso.

partir da escuta e metabolização das próprias sensações, emoções e percepções, despertadas pelo estímulo da presença do analisando, podendo então propor algo capaz de despertar a curiosidade do outro por si mesmo. Elena Brufatto, também em colaboração com outros colegas do IPFR (Roma), desenvolvem sobre as origens do pensamento, ilustrando sua hipótese com vinhetas clínicas.

Erik Doria de Souza (Aracaju) escreve sobre a semelhança entre o processo de criação do artista e as construções da dupla analítica, destacando o ponto de vista estético. Maria Arleide da Silva (Recife) reflete sobre a solidão como potencializadora da angústia, com considerações sobre o desamparo, o luto e a melancolia. Sobre a subjetividade do analista e os estranhamentos da clínica, Leda Herrmann (São Paulo) nos traz uma reflexão sobre as imposições a que o homem é submetido pelas condições do mundo em que vivemos e que o coloca no lugar de itinerante.

Yesmin Aparecida Sarkis (Brasília), apresenta seu estudo sobre a pulsão nas dimensões psíquica, física e biológica, relacionando a metapsicologia à Teoria do Campo Unificado. Rodrigo Gama Goulart (Aracaju) parte dos pontos de vista biológico e sobretudo embriológico, com uma releitura atualizada do Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1895) e tecendo considerações sobre os cem anos de Além do princípio do prazer (Freud, 1920).

Nicoletta Bonanome (Roma) nos apresenta o que chamou de diário de bordo da navegação realizada com seus pacientes, em estado de isolamento pela pandemia da COVID-19. Com grande sensibilidade nos escreve sobre as suas experiências com um *setting* que, de constante invariável do método, tornou-se repentinamente uma de suas maiores variáveis. Também Miriam Catia Bonini Codorniz (Campo Grande), discute sobre a pulsão de morte e a compulsão à repetição como associadas à destrutividade, mas também como uma elaboração ativa da vivência traumática. E ainda Rossana Nicolliello Pinho (Belo Horizonte), fazendo referência às suas experiências na pandemia, aos atendimentos remotos, levanta questões relacionadas à presença ou ausência do corpo e suas implicações e

consequências para a clínica psicanalítica.

Por fim, Rosane Muller Costa (Fortaleza), nos traz uma abordagem psicanalítica sobre o filme Bacurau (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) à luz dos conceitos de pulsão de morte, narcisismo negativo e falhas no processo de simbolização.

São generosas contribuições dos colegas autores que, compartilhando conosco as suas experiências, nos estimulam a pensar.

Desejo uma excelente leitura a todos!